

ISSN 1517-2201



**Seminário sobre manejo da Vegetação
Secundária para a Sustentabilidade da
Agricultura Familiar da Amazônia Oriental**

Anais

**8 a 9 de setembro de 1999
Belém - Pará**

1.00082

Anais...
2000

PC-2001.00082



AI-SEDE-18757-1



Embrapa
Amazônia Oriental



CNPq

*Seminário sobre Manejo da Vegetação
Secundária para a Sustentabilidade da
Agricultura Familiar da Amazônia Oriental*

ISSN 1517-2201

Anais

8 a 9 de setembro de 1999
Belém - Pará

Embrapa Amazônia Oriental. Documentos, 69

Projeto Gráfico e Diagramação - Embrapa Amazônia Oriental

Manoel Juvencio Mélo Dantas
Tatiana Deane de Abreu Sá

Impressão

AMS DIGITAL PRINT
Rua: Caripunas, 760
Jurunas. Belém - PA
Fone: (91) 272-1215

Embrapa	
Unidade:	AI. Sede
Valor aquisição:	
Data aquisição:	29.3.2001
N.º N. Fiscal/Fatura:	
Fornecedor:	
N.º OCS:	
Origem:	Doc. 120
N.º Registro:	0821.2001

SEMINÁRIO SOBRE MANEJO DA VEGETAÇÃO SECUNDÁRIA PARA A SUSTENTABILIDADE DA AGRICULTURA FAMILIAR DA AMAZÔNIA ORIENTAL, 1999, Belém, PA. **Anais**, Belém: Embrapa Amazônia Oriental/CNPq, 2000. 221p. (Embrapa Amazônia Oriental. Documentos, 69). 2000.

ISSN 1517-2201

1. Agricultura familiar. 2. Vegetação secundária. 3. Uso da terra. 4. Produção vegetal. I. EMBRAPA. Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia Oriental (Belém, PA) II. Título.

CDD.630.9811

Do Campo Experimental a Caminho da Roça: uma proposta de desenvolvimento agrário regional participativo.

Francisco R. de Sousa Filho¹, Aliomar A. da Silva², Urbano M. F. Marques³, Frederico L. S. Cahete⁴, Wilza da S. Pinto⁵, José L. da Silveira⁶, Silvio R. M. dos Santos⁵ e Jonaci Corteletti³

1. Introdução.

O presente trabalho é parte de um estudo maior, com caráter de Análise-Diagnóstico de Sistemas Agrário, desenvolvido no Município de Igarapé-Açu, região Bragantina do estado do Pará (conf. Sousa Filho et al. 1998). Ele foi elaborado com o objetivo de apresentar uma proposta que, enquanto tal, poderá constituir como um modelo, um modo de idealizar um desenvolvimento agrário, em nível regional, participativo (embora seja importante, aqui, destacar que se trata de uma proposta ainda não acabada). Durante a sua elaboração defrontamos com diversos desafios, em virtude, principalmente, das muitas dúvidas que foram apresentando-se: destas, um certo número ainda não satisfatoriamente resolvidas. Pois estas dúvidas ao se apresentarem, muitas vezes, como simples desafios, quando submetidas a uma reflexão crítica, desdobrava-se em novos desafios. Assim sendo: aos desafios!

2. Uma proposta de desenvolvimento agrário regional participativo.

➤ Os desafios do *construir juntos*.

Como é possível *construir* ao modo *participativo* um desenvolvimento agrário regional? Quando o verbo *participar* assume significado de *construir juntos*. Este *construir juntos* pressupõe, num primeiro nível, a necessidade de criar entre os atores sociais que atuam no espaço agrário (agricultores, pesquisadores, extensionistas e estudiosos de uma maneira geral) um novo postulado que possa dar conta, de forma coerente, das práticas desenvolvidas pelos produtores. Como, de maneira geral, o postulado para o desenvolvimento agrário vem sempre montado para que o ator social, o agricultor, adote as inovações criadas e testadas, com "bons resultados", pelos pesquisadores em campos experimentais -- atuando como um agente de intermediação entre o pesquisador (o principal ator destes postulados) e o agricultor, o extensionistas. E, quando isto não foi possível, recai sobre o agricultor pesados preconceitos, como por exemplo: o de ser tradicional, não inovador, de praticar atividades arcaicas. Este novo postulado, no qual esta baseado nossa proposta, é o da *coerência camponesa*. Ele inverte a importância que tem os atores sociais sobre a dinâmica histórica do modo como foi e é usado ou explorado o espaço agrário -- tendo em vista que, partimos do princípio de que o desenvolvimento agrário sempre houve e há sem a presença e/ou interferência de pesquisadores e extensionistas. Ele é assim formulado: *Os produtores sabem o que estão fazendo e porquê: se nos (pesquisadores, extensionistas e estudiosos de uma maneira geral) quisermos contribuir com seu desenvolvimento, precisamos, antes de qualquer coisa, entender sua lógica.*

Aceito este postulado como norteador, o primeiro desafio, o do *construir juntos*, esta supostamente resolvido. Porém, quando o submetemos a uma reflexão crítica (problematização), desdobra-se, num segundo nível, em outro desafio. Este refere-se ao fato de que no conjunto de atores envolvidos -- e neste, é exceção o agricultor -- existe uma dependência direta como os objetivos das instituições que os financiam. Como resolver este desafio? A resposta vem quando temos em mente que nem todos os agentes que atuam num determinado espaço agrário podem ou devem fazer de parte de uma proposta que visa ter uma nova prática para o desenvolvimento da agricultura. Temos que assumir que só devem fazer parte aqueles atores que tem uma flexibilidade em suas instituições para atuarem a partir do *postulado da coerência camponesa*. O que não faz sentido, como exemplo, ter um agrônomo que trabalha numa empresa cujo único objetivo dela é vender adubos e agrotóxicos.

➤ O desafio de *construir* um instrumento que possa revelar a *coerência camponesa*.

Um dos grandes está relacionado, num primeiro nível, à construção de um instrumento que possa revelar *porque* existe uma diversidade nos sistemas de produção na agricultura de uma região, *como* eles funcionam e *qual* a "lógica" deles. Isto é, que possa entender, por exemplo, porque o (ou qual a lógica do) produtor desenvolve, em

¹ Departamento de Geografia da Universidade Federal do Pará (DGEO-UEPA), Belém - PA, Brasil.

² Superintendência Regional da Amazônia Oriental, da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (SUPOB-CPLAC), Belém -PA, Brasil.

³ EMBRAPA Amazônia Oriental, Belém - PA, Brasil.

⁴ Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, da Universidade Federal do Pará (NAEA-UEPA), Belém - PA, Brasil.

⁵ Fazenda Escola de Igarapé-Açu, da Faculdade de Ciências Agrárias do Pará (FEEGA-FCAP), Igarapé-Açu - PA, Brasil.

⁶ Escritório de Castanhal, da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CPLAC), Castanhal - PA, Brasil.

nível de sua unidade produção, determinadas técnicas ou cultiva espécies com orientação para o autoconsumo e/ou para o mercado. Como é possível encontrar solução para este desafio? Ao nosso ver, através de um estudo de análise-diagnóstico que compreenda a agricultura com uma atividade sistêmica. Já, num segundo nível, corresponde à necessidade de que, dos resultados do estudo do diagnóstico possam sair respostas para as seguintes questões: (a) até que ponto são diferentes as unidades de produção existentes na região?; (b) unidades de produção dissimilares refletem padrões gerais da agricultura regional, ou são simples reflexos de elementos locais (das zonas)?; (c) que critérios são mais adequados para isolar diferenças genéricas na agricultura regional e classificar o fenômeno?; (d) onde, como e porque se originam e evoluem tipos diferentes na agricultura regional? Sob que condições isso ocorre?; (e) que mudanças estão ocorrendo na natureza da agricultura, bem como em suas técnicas, nas diversas zonas da região?; (f) como podem ser explicados os diversos padrões da agricultura regional, e quais as variáveis espaciais a eles relacionadas?; e, (g) partindo da explicação de localização (zonas), como prever o comportamento da agricultura regional, sob certas condições ambientais, sociais e econômicas?

➤ **O desafio de construir um esquema capaz de ordenar e delimitar a agricultura em seus aspectos internos e externos.**

Para dar conta deste, elaboramos um esquema na perspectiva sistêmica, embora de forma preliminar, que facilita a análise dos elementos que compõem o quadro agrário. Por ser agricultura uma atividade bastante complexa, tornou-se necessário criar um esquema em que possamos entender *como* e *quais* elementos conformam o modo pelo qual dá-se a dinâmica do desenvolvimento da agricultura regional. Ele, em síntese, apresenta-se de forma esquemática na figura 1.

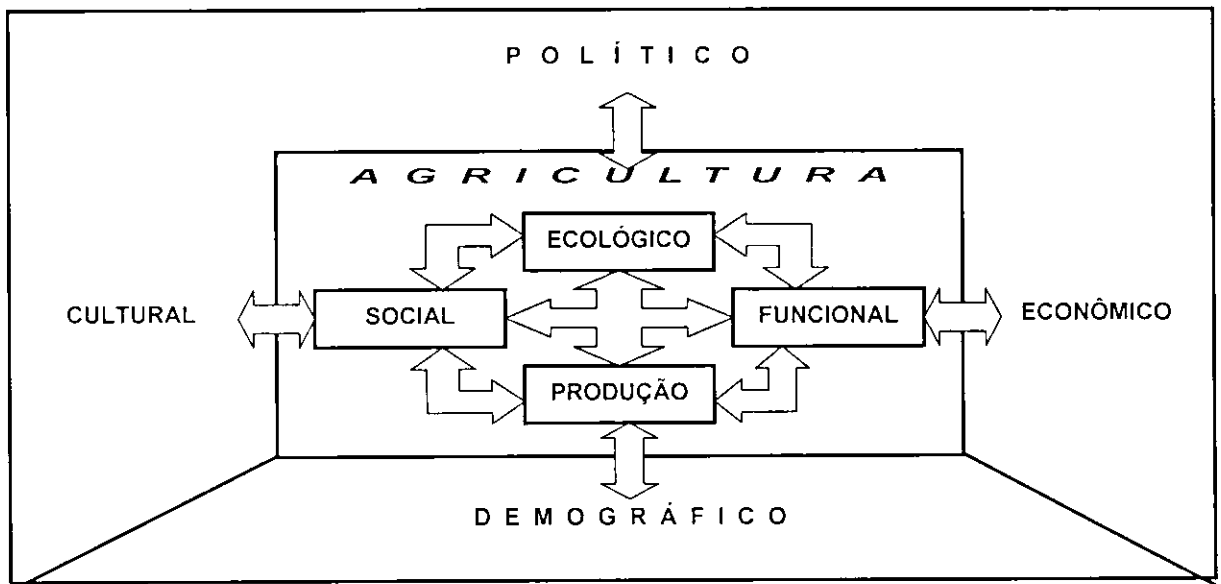


FIGURA 1 Os Elementos Conformadores da Agricultura: Internos e Externos.

Este esquema permite criar uma distinção entre características internas e externas da agricultura. Assim, podemos conceber a agricultura como um sistema formado por quatro subsistemas: o ecológico, o social, o funcional e o de produção; onde o primeiro permite compreender os condicionantes ambientais, o segundo permite a caracterização do operador, o terceiro engloba os mecanismos de transformação e, o quarto é, essencialmente, o *output* e objetivo do sistema. Em torno da agricultura estão quatro subsistemas externos, ou do meio: o político, o econômico, o demográfico e o cultural, que fornecem as condições em que se desenvolvem os tipos de sistemas de produção na agricultura.

Em nível dos elementos (subsistemas) internos e das interações entre eles e com seu entorno, o primeiro, denominado de *ecológico*, permite entender porque a dinâmica de transformação e exploração do meio biofísico, em nível das unidades de produção, condicionou e condiciona as performances, as estratégias produtivas e os modelos de desenvolvimentos adaptados. Já o segundo subsistema, o *social*, permite caracterizar e analisar os diversos tipos de atores sociais chamados de produtores. Portanto, é preciso ter em mente que a atividade agrícola pressupõe a iniciativa de produzir algo num determinado espaço e engloba duas noções distintas: a noção de propriedade e a de uso ou exploração (aqui, a palavra *uso* é empregada no seu sentido jurídico de exploração, e não na concepção, mais comum entre os geógrafos agrários e agrônomos, de tipos de cultivo do solo). O terceiro subsistema de elementos componentes da agricultura, os *funcionais*, permite analisar a forma como é produzido. Nesse conjunto distinguimos três grandes elementos: a utilização da terra -- expressão

espacial de uma certa organização agrária --, as técnicas e a intensidade da agricultura. O último subsistema de elementos internos da agricultura é o de *produção*. Ele permite analisar *quanto é produzido, o que é produzido e para quem é produzido*. Já em nível dos subsistemas externos cada um deles fornece elementos para a compreensão das condições em que se desenvolvem os tipos de sistemas de produção na agricultura (por exemplo: com ou sem uma política crédito agrícola; com meios de transportes adequados; com um mercado (local, regional ou nacional); com pressão sobre terra; com cultivos baseados nas tradições agrícolas).

➤ **Os desafios de construir juntos um desenvolvimento agrário regional: o campo experimental a partir da roça.**

Aqui, inicialmente, eles apresentam-se em quatro distintas perspectivas. O primeiro, e grande, é demonstrar, de forma convincente, para os pesquisadores envolvidos que a *roça* é o melhor *campo experimental*. O segundo é *construir* um *equipe interdisciplinar* (aqui, a prática interdisciplinar é a *interação entre sujeitos*, de formações diferentes, *que querem construir juntos*) para estudar a agricultura regional, com objetivo, ao mesmo tempo, de caracterizar e analisar os condicionantes da dinâmica de reprodução dela e de contribuir para um política de desenvolvimento agrário regional. Já o terceiro, é o de determinar *abrangência da participação*, a partir do significado que a ela damos: *o de construir juntos*. O último deles, o quarto, está relacionado à *como implementar um processo desenvolvimento agrário participativo*.

Tendo em mente estes quatro desafios, apresentamos a seguir os *passos progressivos e necessários*.

1. *Elaboração de um Estudo de Análise-Diagnóstico*. Para alcançar os objetivos deste, se faz necessário usar os seguintes passos metodológicos: (a) fazer uma *leitura da paisagem* para visualizar a artificialização do meio pelo homem na área do estudo; (b) realizar *entrevistas históricas* com pessoas mais antigas na região, em contato com a agricultura -- ou dito de outro forma: um levantamento histórico junto estes *interlocutores privilegiados* sobre os fatos ecológicos, técnicos e sócio-econômico, relacionados à atividade agrícola, com objetivo de identificar as principais trajetórias dos produtores e diferenciação dos sistemas de produção; (c) a partir destes dois, delimitar espacial a região de estudo em *zonas* de características físicas, sócio-econômicas e agronômicas semelhantes, com objetivos de permitir uma primeira definição de distintas problemáticas evidenciadas nas diferentes zonas, de formular hipóteses tentativas sobre a racionalidade sócio-econômica dos diferentes atores nos sistemas de produção presentes na região em estudo e, de definir critérios para a seleção das unidades de produção que se analisa posteriormente em forma detalhada; (d) elaborar de uma *tipologia das unidades de produção*, tomando-se por base os passos anteriores; e, (e) *aplicar de um questionário*, com amostragem não aleatória e cujo seu tamanho é baseado no método que criamos e o chamamos de *técnica de saturamento*, com o objetivo é obter informações agro-ecológicas e sócio-econômicas das unidades de produção. Nesta etapa, a participação produtor dar-se, basicamente, como um fornecedor de informações privilegiadas sobre a realidade agrária.

2. *Dos resultados alcançados pelo estudo a validação deles*. Para segunda etapa, a partir da elaboração de um relatório preliminar com os resultados do estudo, propomos um encontro entre a equipe responsável pelo o levantamento e todos os interlocutores privilegiados que atuaram como informantes. Nesta reunião serão apresentados os resultados alcançados e, ao mesmos tempo, questionando junto aos informantes se, no seu contexto, representam um "retrato fiel" da realidade agrária, se apresentam pontos obscuros ou não fiéis as informações prestadas e, se existe a necessidade de ajustar alguns resultados. Usando-se técnicas mais adequadas para o público informantes (mapas do espaço como a delimitação das zonas e localização dos informantes, cartazes, etc.), reconstitui-se, aqui como exemplo, (a) a dinâmica histórica da situação ecológica e sócio-econômica das unidades de produção em nível de cada zona, (b) a identificação e caracterização dos principais tipos de sistemas de produção agrícola em cada uma delas e, (c) explicita-se os principais condicionantes da evolução da agricultura local.

3. *Da Região às Zonas*. Validados os resultados na etapa anterior e, com certeza, dada a diversidade e a complexidade de situações verificadas, se faz necessário evidenciar e delimitar problemáticas, em nível organizativo e escala de trabalho sobre as quais se pretende intervir. Neste sentido, propomos, para uma terceira etapa, mudanças na escala de trabalho para os novos encontros; ou seja: do nível regional para o de cada zona. E, em nível de cada uma delas, incluindo, se possível, na participação os produtores instalados nela que queira e possam contribuir. Muda-se agora do nível de apresentação para o de questionamentos. Além disso, ressaltamos que se faz necessário ter ao final de cada encontro um mapeamento com possíveis soluções e implicações para os problemas evidenciados.

4. *Do mapeamento, com possíveis soluções e implicações para os problemas evidenciados em nível de cada zona, à implementação de um desenvolvimento agrário regional*. Para a última etapa, tendo por base os resultados da anterior, se faz necessário envolver o máximo (aquele que é possível) de atores sociais e de instituições que atuam na região e de produtores ali instalados, para ordenar as ações prioritárias. E, na ordenação dessas ações implica em saber, por exemplo, se já existe tecnologia disponível e se é adequada para resolver um determinado problema enfrentado por grupo de produtor de um certa zona ou do conjunto deles em nível da região.

3. Considerações finais.

Traçamos um dos caminhos possíveis para um desenvolvimento agrário regional participativo, onde a participação é fruto da interação entre os produtores e os atores que atuam na região (o que é também um vínculo de interação com as instituições que financiam estes). Interação essa que poderá alcançar o nível de gestão compartilhada na construção de caminhos possíveis para o desenvolvimento agrário de uma determinada região.

4. Bibliografia.

Sousa Filho, F. R. de. Arapiraca da Silva, A., Marques, U. M. F., Pinto, W. S., Santos, S. R. M. dos, Silveira, J. L., Cahete, F. L. S. & Corteletti, J. *A Dinâmica Histórica da Reprodução da Agricultura em Igarapé-Açu (Região Bragantina do Estado do Pará): um estudo de diagnóstico a partir do enfoque de sistemas agrários*. SHIFT ENV25/EMBRAPA - SHIFT ENV44/NAEA/UFPA - CEPLAC - FEIGA/FCAP, Belém, 1998. (Relatório Preliminar).